

Eleições Disputa municipal marca perda de liderança de Amazonino

“Vice-Rei” do Norte vive inferno político

César Felício
De Manaus

Apelidado de “vice-rei do Norte” pela imprensa quando conseguiu se eleger governador do Amazonas em 1994 e ter aliados no comando do Acre e de Roraima, Amazonino Mendes (PFL) começa a viver o seu outono político. Em vários órgãos de comunicação, o seu nome voltou a ser associado a escândalos. E na eleição deste ano para a prefeitura de Manaus, o governador se transformou em uma figura maldita.

Ele aparece no horário eleitoral gratuito apoiando o prefeito de Manaus, Alfredo Nascimento (PL), candidato à reeleição. O detalhe é que isto acontece unicamente nos programas dos adversários do prefeito, que usam gravações antigas para mostrar que Amazonino e Nascimento são umbilicalmente ligados. No horário destinado à propaganda de Nascimento, que foi interventor de Manaus nomeado por Amazonino e superintendente da Suframa por seu intermédio, o pefelista sequer é citado. A situação chama ainda mais atenção porque Amazonino é o recordista nacional de vitórias em eleições majoritárias desde que o País se redemocratizou: ele se elegeu governador em 1986, 1994 e 1998, senador em 1990 e prefeito de Manaus em 1992.

Amazonino Mendes reconhece que apoiar publicamente Nascimento seria uma manobra perigosa. “A oposição construiu a imagem prejudicial a mim de que eu queria ser imperador. O povo começou a ser tocado por esta falácia e eu decidi que não iria me envolver nas eleições”, afirmou. Nascimento tenta se reeleger de olho nas eleições para o governo do Estado em 2002 e tra-

çando um prognóstico sombrio para o seu mentor: “O Amazonino é um grande administrador, que ganha tranquilo uma eleição para o Senado, mas não vence mais uma eleição majoritária. Fechou um ciclo, se desgastou, encheu o saco”, resumiu.

Nascimento oscila entre 42% e 44% nas pesquisas e deverá enfrentar o ex-prefeito Eduardo Braga (PPS), que varia entre 31% e 34%, no segundo turno. Os outros candidatos somam de 10% a 15% e irão, sem exceção, apoiar Braga.

Caso Braga vença, o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio Neto (PSDB), desponta como um dos favoritos para suceder Amazonino. Braga já disse que não será candidato ao governo. E Virgílio promete fazer a sua parte para obter o seu apoio. “O Braga vai fazer um governo entupido de dinheiro federal, porque eu vou ajudar”, afirmou o tucano.

O ocaso de Amazonino iniciou em 1998, ao se reeleger governador. “Foi uma vitória com sabor de derrota”, lembra Eduardo Braga, que perdeu aquela eleição para o pefelista, mas ganhando por seis pontos percentuais de vantagem em Manaus, além de triunfar em Itacoatiara e Parintins, outros colégios eleitorais de expressão no Estado. A derrota na capital estremeceu Amazonino. “Esta pergunta está até hoje em minha cabeça como um ponto de interrogação enorme. Fiquei chocado”, responde Amazonino ao ser perguntado sobre qual a razão de perder em Manaus. A frustração com o episódio pôde ser medida com a reação de Amazonino logo após a sua reeleição. Ele espalhou outdoors com a seguinte mensagem: “Apesar de tudo, Manaus, eu te amo!”.

Antes de 1998, Amazonino as-



“A oposição construiu a imagem prejudicial a mim de que eu queria ser imperador. O povo começou a ser tocado por esta falácia”, admite Amazonino

sistiu o seu prestígio nacional ser corroído em dois episódios. O primeiro foi o envolvimento do seu nome no escândalo da compra de votos de deputados acreanos para a aprovação da emenda constitucional da reeleição. Os parlamentares Ronivon Santiago e João Maia relataram em conversas gravadas que teriam recebido R\$ 200 mil em espécie de Amazonino para mudarem seu voto, em um hotel luxuoso de Brasília. Como não houve perícia nas gravações e nem qualquer outra evidência de que Amazonino teria cometido o crime, o caso não teve consequências maiores.

O segundo abalo em nível nacional para Amazonino foi o seu fracasso em reconquistar a superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) para o seu esquema político. O superintendente da Suframa gerencia a concessão de incentivos para empresas com faturamento de US\$ 7,2 bilhões, gerando 44 mil empregos e representando virtualmente a única fonte de renda do Amazonas.

O governador pressionou pela demissão do então superintendente Mauro Ricardo Costa, indicado pelo ex-ministro do Planejamento José Serra. Mauro Ricardo havia substituído Manoel Rodrigues, ligado a Amazonino. O afilhado de Serra não só ficou no cargo como promoveu uma reestruturação do órgão que limitou ao mínimo a influência local na autarquia.

Com a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, o superintendente da Suframa passou a ser Antônio Sérgio Martins Mello, que tem uma relação classificada como “harmoniosa” com o governador, segundo o próprio. “É um rapaz cordato”, comentou, desmentindo seu interesse na Suframa: “As versões sobre isso sempre superaram a realidade”, afirma. Membros da equipe econômica do governo federal, contudo, afirmaram que hoje Amazonino não manda mais na Suframa, pede.

A carreira política de Amazonino começou em 1983, como uma invenção do então governador, hoje senador, Gilberto Mestrinho (PMDB). Ele nomeou Amazonino prefeito de Manaus. Como credenciais, Amazonino tinha apenas o passado de líder estudantil atrelado ao PTB de Mestrinho na década de 60.

De acordo com um dos inimigos de Amazonino, o deputado estadual Mário Frota (PDT), Mestrinho teve que enfrentar uma batalha para aprovar o nome de Amazonino. O fato do atual governador ser dono na época da empresa de construção civil “Arca”, com dezenas de títulos protestados, pesou contrariamente. “A base governista rachou e ele foi aprovado por voto de minerva”, diz Frota. O governador não aceita ser caracterizado como um empresário falido ao se tornar prefeito. “Entrei numa empresa falida e a reergui. Fui o que

mais construiu em Manaus”, diz.

Nos primeiros anos, Amazonino portou-se como fiel aliado do governador. Depois que ganhou a eleição estadual de 1986, relançou as iniciativas de Mestrinho em escala moderna: enquanto o antigo petebista distribuía presentes para crianças na véspera do Natal, Amazonino criou a distribuição de cestas básicas em campos de futebol, chamadas de “ranchos” na gíria amazonense.

A distribuição de terrenos e a organização de mutirões foi outro motor para a carreira de Amazonino, provocando um êxodo do interior para a capital do Estado. Enquanto Amazonino conquistava uma vitória eleitoral atrás da outra, Mestrinho, conhecido no passado como “boto tucuxi”, perdia duas eleições para a prefeitura de Manaus e se elegia com dificuldade para o Senado em 1998. Hoje, Mestrinho lidera um PMDB que não lançou candidato à prefeitura e raramente é visto em Manaus, preferindo ficar em Brasília.

Não foi o primeiro caso em que a criatura suplantou o criador. O próprio Mestrinho relegou o seu mentor, o ex-governador Plínio Coelho, ao ostracismo. E na eleição deste ano, Amazonino assiste calado à disputa de duas criações suas: Eduardo Braga é seu ex-vice-prefeito, eleito em 1992. E Alfredo Nascimento, seu ex-vice-governador entre 1995 e 1997.